



Operadora:

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados do 1T09. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação. Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar *0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência relativas às perspectivas dos negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, Eduardo César Pasa, Contador Geral, e Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 1T09 em grandes linhas e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão às questões formuladas.

Agora passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, queira prosseguir.

Aldo Luiz Mendes:

Muito obrigado. Bom dia a todos. Muito bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do Banco do Brasil no 1T09. Antes de passar a palavra ao Geovanne, que vai discorrer sobre o desempenho do Banco, eu queria destacar alguns acontecimentos e algumas conquistas importantes do Banco nesse trimestre.

No 1T de um ano preconizado pela, possivelmente, maior grave crise do sistema financeiro global, nós registramos um lucro líquido de R\$1,7 bilhão aproximadamente, o que corresponde a um retorno sobre o PL da ordem de 23,8%, e equivalerá a um lucro por ação de R\$0,65.

O resultado recorrente do Banco no trimestre foi de aproximadamente R\$1,4 bilhão, o que corresponde, por sua vez, a 19,1% do retorno sobre o patrimônio líquido, um valor que está dentro da nossa estimativa para 2009. Com isso, eu afirmo para vocês que o nosso sentimento é positivo com relação ao ano de 2009, pois mesmo em um período sazonalmente mais tímido, como é o 1T, que neste ano veio ainda envolvido pela crise sistêmica, vocês verão ao longo da apresentação que nós entregamos desempenho em linha com as estimativas que divulgamos ao mercado.



Como sazonalmente os próximos trimestres têm um ritmo mais forte de negócios, mesmo com a atual conjuntura nós voltamos a assegurar nossos compromissos de crescimento e rentabilidade.

Passando em grandes linhas pelo nosso resultado, eu quero destacar que, com a efetivação da aquisição do controle acionário do Banco Nossa Caixa, trouxemos a consolidação patrimonial do Banco Nossa Caixa nesse trimestre, o que contribuiu para adicionar cerca de R\$54 bilhões aos ativos do BB, que somaram, assim, R\$592 bilhões ao final do 1T09.

É importante destacar que, ainda que assegurados os efeitos da consolidação da Nossa Caixa, os ativos totais do Banco teriam apresentado crescimento de 3,1% no trimestre e 29,8% na comparação anual. Ainda no que diz respeito ao crescimento dos ativos, a carteira de títulos e valores mobiliários se destacou como o item de maior incremento, com uma evolução de 27,3% no período. Já a carteira de crédito total do BB, com a consolidação de R\$13,8 bilhões de crédito oriundos da carteira da Nossa Caixa, encerrou o 1T em R\$242 bilhões, expansão de 40% em 12 meses e de 7,6% no trimestre.

Ressalto também que o crescimento do crédito do BB foi superior ao do sistema financeiro. Se considerarmos somente a carteira de crédito doméstica, incluindo Nossa Caixa, o Banco do Brasil apresentou incremento de 40% em um ano e de 8,3% nos 1T09, superando o crescimento da Indústria, que foi de 25% em 12 meses e de apenas de 1,1% no trimestre.

O crescimento mais expressivo dos ativos de crédito aconteceu na carteira de pessoas físicas. Só nessas operações, crescemos 67% no ano e 25,3% na comparação trimestral, totalizando mais de R\$61 bilhões. As linhas que mais impulsionaram esse aumento foram o CDC consignação e o financiamento a veículos.

O crédito total a pessoas jurídicas atingiu R\$101,8 bilhões, expansão de 47,2% em relação ao 1T08 e de 4,7% em relação ao 4T08, com destaque para as linhas de capital de giro, que sustentaram esse desempenho com crescimento de 54,7% em 12 meses. Já a carteira de agronegócios encerrou o trimestre em R\$64,3 bilhões, registrando pequena retração de 0,3% no trimestre e um crescimento de 13,7% em relação ao observado no 1T08, reduzindo a participação da carteira no total de ativos do Banco.

Olhando isoladamente a carteira de crédito do Banco do Brasil, em relação à qualidade, o volume de atrasos acima de 90 dias saiu de 2,4%, tanto em março como em dezembro de 2008, para 2,7% em março de 2009. Porém, é um patamar significativamente inferior aos 3,6% apresentados pelo Sistema Financeiro Nacional como um todo nesse mesmo mês de março.

Outro ponto de relevância é que, enquanto o risco médio do Sistema Financeiro saiu de 5,3% em dezembro de 2008, para 6,7% no final do 1T09, ou seja, um incremento de 140 b.p., o risco médio da carteira do BB apresentou acréscimo de 30 pontos apenas, em relação ao 4T08, saindo de 5,4% passando para 5,7% nesse mesmo período.

Nosso índice de inadimplência e, conseqüentemente, nossas despesas com provisão, refletem os já esperados efeitos da crise financeira sobre a atividade econômica, especialmente sobre micro e pequenas empresas. De toda forma, apesar dos desafios



à frente, continuaremos a trabalhar firmemente para transformar a ameaça em oportunidades para o Banco do Brasil, e reforço nossa confiança na força, na solidez e na desenvoltura do BB para sustentar desempenho relevante em diferentes linhas de negócios, sempre com foco na sustentabilidade. Por isso mesmo, não vemos razões para, neste momento, revisarmos o *guidance* para o ano de 2009.

Antes de o Geovanne iniciar a apresentação, eu quero destacar que, a partir desta divulgação dos resultados, nós adotamos a visão do consolidado econômico financeiro, que considera nossas participações proporcionais em nossas empresas coligadas. Em nossa análise de desempenho, então, vai haver a reconstituição da nossa série histórica a partir do 1T08.

Eu passo agora a palavra ao Geovanne, e fico à disposição dos senhores na sessão de perguntas e respostas. Obrigado.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Obrigado, Aldo. Bom dia a todos. Passando então diretamente ao slide número três, onde podemos ver a evolução dos ativos do Banco do Brasil, com e sem a consolidação da Nossa Caixa. Como o Aldo já falou, há efetivação da aquisição do controle da Nossa Caixa, com isso nós registramos R\$592 bilhões em ativos totais, um montante 10% maior do que quando analisamos o total do BB isoladamente.

Em relação ao crédito, a consolidação trouxe R\$13,8 bilhões ao portfólio de crédito do Banco do Brasil, que totalizou R\$242 bilhões, um crescimento de 7,6% no trimestre e de 40% em 12 meses.

Do lado dos passivos, a concretização do negócio com a Nossa Caixa proporcionou R\$36,7 bilhões em depósitos para o BB, montante que representaria mais de 13,5% dos depósitos do Banco do Brasil na visão *stand alone*, e que levou o saldo dos depósitos para R\$305 bilhões.

Outro ponto de grande destaque foi o incremento de mais de 5,8 milhões de clientes, quantidade que corresponde a 12% da base do Banco do Brasil isoladamente, e que elevou a nossa quantidade de clientes para um total de 53,9 milhões de pessoas.

No slide número quatro, vemos a evolução do lucro líquido do Banco, que no 1T foi de R\$1,665 bilhão, uma queda de 29,1% em relação ao mesmo período do ano anterior, e de 43,4% em relação ao 4T08. Este resultado corresponde a um retorno sobre o PL anualizado de 23,8% e lucro por ação igual a R\$0,65. Desconsiderados os efeitos extraordinários, o lucro recorrente atingiu R\$1,357 bilhão, montante 12,9% inferior ao observado no 1T08, e 16,5% inferior ao resultado registrado no trimestre anterior, e o retorno sobre o patrimônio líquido, nesta visão, anualizado, foi de 19,1%, próximo à ponta inferior do *guidance* de 2009.

No slide cinco, podemos verificar a abertura dos fatores extraordinários que formaram o lucro do período. Aqui nós temos, de um lado, o reconhecimento de créditos tributários da ordem de R\$1,2 bilhão, em função de estudos jurídicos que concluíram ser remota a perspectiva de êxito da ação contra a elevação da alíquota da contribuição social sobre o lucro líquido do setor financeiro, que mudou de 9% para 15%; e também incluídos aí os efeitos fiscais e participação nos lucros de todos os efeitos extraordinários.



E de outro lado, nós tivemos também despesas extraordinárias relativas ao reconhecimento de R\$1,4 bilhão de provisões para passivos contingentes, e de R\$95 milhões de provisões relativas a planos econômicos. Desta forma, o efeito líquido no resultado, com os itens extraordinários, foi de R\$309 milhões, o que nos leva a um resultado recorrente de R\$1,4 bilhão no 1T09.

Sem dúvida alguma, o trimestre mostrou mais claramente os impactos da crise na economia brasileira e, conseqüentemente, no Sistema Financeiro Nacional. Afora as influências sazonais próprias do 1T, os bancos experimentaram contração da demanda por crédito, maior aversão ao risco e deterioração da qualidade dessas operações, além de alteração no *mix* de ativos.

É importante também dizer que o trimestre abrigou um corte de 250 b.p. na taxa básica de juros, efetuado pelo Banco Central. Em meio a esse contexto, apesar de termos mantido a nossa estratégia de expansão do crédito, a margem financeira bruta do Banco do Brasil apresentou uma retração de 1,3% no trimestre, devido basicamente à menor quantidade de dias úteis no período, ao corte na Selic, à redução sazonal dos depósitos à vista, o que acarreta um aumento no custo de funding do Banco, principalmente pelo efeito *mix*, e também ao aumento da participação de receitas com títulos e valores mobiliários na formação das receitas financeiras.

Em contrapartida, esses fatores foram atenuados pelo crescimento dos ativos rentáveis médios, que registraram uma expansão de 8,1% no período, já aqui desconsiderados os efeitos da consolidação do Banco Nossa Caixa.

É importante ressaltar que, na comparação anual, a margem do Banco apresentou uma expansão de 25,4%, e que esse percentual de crescimento, na visão de 12 meses, coloca o Banco do Brasil em um novo patamar de crescimento da margem financeira.

Passando agora para o slide número sete, nós podemos ver o comportamento do spread global do Banco versus a Selic. Enquanto a taxa básica de juros apresentou redução de 250 b.p. entre o 4T08 e o 1T09, o spread global do BB, calculado pela margem financeira bruta sobre os ativos rentáveis, caiu 60 b.p. apenas, ficando em 6,6%. A redução do spread do Banco é explicada principalmente pela alteração do *mix* de ativos e passivos no trimestre; e os passivos onerosos médios cresceram 9,2%, contra uma evolução de 8,1% dos ativos rentáveis médios, explicando, então, essa queda na margem.

Além disso, houve alteração também na composição dos ativos rentáveis médios do BB. As operações de crédito, que proporcionam melhor spread, cresceram em ritmo inferior aos ativos de tesouraria e, com isso, tiveram reduzida sua participação em relação ao total de ativos rentáveis, passando de 49,7% no 4T08 para 47,4% no 1T09.

O gráfico abaixo detalha o spread das operações de crédito por carteira. Vale ressaltar aqui que o spread total dessas operações encerrou o trimestre em 9,7%, o que equivale à redução de apenas 10 b.p., tanto em relação ao 4T08 quanto em relação ao 1T08.

O spread dos negócios com pessoa física mais uma vez apresentou maior retração em relação à carteira total. Esse comportamento deve-se basicamente à alteração no *mix* da carteira, em função da estratégia de aumento da participação de operações de



menor risco e, portanto, menor spread, como no caso dos negócios com crédito consignado, e financiamento a veículos; além das aquisições de carteiras de crédito de outras instituições, que possuem menor spread por contarem com a coobrigação das instituições financeiras cedentes, e do realinhamento de taxas aos clientes, acompanhando os cortes promovidos na Selic.

Na carteira de pessoa jurídica, o spread apresentou pequena retração no trimestre, mas se manteve em patamar superior ao apresentado no mesmo período de 2008; e as linhas de capital de giro, por serem naturalmente de um prazo mais curto, também trazem spreads maiores, e continuaram a influenciar positivamente o spread das operações de pessoas jurídicas.

Já na carteira de agronegócios, manteve-se a tendência de recuperação de spread iniciada no trimestre anterior, totalmente coerente com a redução de participação de operações de crédito agroindustriais naquela carteira.

Vamos passar agora para a lâmina de número oito, onde nós vemos o comportamento da captação do Banco do Brasil no 1T09 em relação aos trimestres anteriores, além da evolução do nosso custo de captação nas diferentes linhas de funding em relação à Selic. Enquanto verificamos um incremento do saldo da captação total, e nesse último trimestre ainda mais impulsionado pela consolidação dos números da Nossa Caixa, nós podemos perceber um ligeiro aumento do custo de captação total do Banco do Brasil em relação à Selic.

Influenciou esse comportamento a mudança no *mix* das captações, com a redução do saldo de depósitos à vista, o incremento das captações em poupança, que se tornaram relativamente mais onerosas no novo cenário, e a expansão das captações de mercado aberto, que têm um custo mais alto. Por outro lado, o incremento dos depósitos a prazo, que é uma captação com rendimento atrelado à Selic, serviu para amortecer a elevação do custo total das captações em relação à taxa básica de juros.

De toda forma, mesmo com a alteração do cenário, o Banco do Brasil continua apresentando custos competitivos de captação, devido à sua capacidade de crescer esses passivos em ritmo superior ao da indústria, e também em função de sua franquia e imagem perante o mercado.

Passando agora ao slide número nove, nós podemos ver que também no crédito nós temos crescido em níveis superiores aos do Sistema Financeiro, alcançando 18,3% de participação no mercado. Como o Aldo falou no início dessa apresentação, nós registramos um crescimento de 40% da carteira de crédito em 12 meses e de 7,6% no trimestre.

Os destaques nesse crescimento foram, sem dúvida alguma, a carteira de pessoas físicas, com uma variação positiva expressiva de 67% sobre o 1T08 e de 25,3% no trimestre; e do crédito para pessoa jurídica, que cresceu 47,2% no ano e 4,7% no trimestre. Eu lembro que no 1T09 já estão consolidados os números da carteira de crédito do Banco Nossa Caixa.

Nós gostaríamos agora de passar para o slide número dez, onde fazemos uma análise um pouco diferente. Nós podemos ver aqui que o crescimento do Banco do Brasil foi superior ao do Sistema, mesmo quando analisamos apenas o crescimento orgânico, excluídos os efeitos da consolidação com a Nossa Caixa. Se nós excluirmos, então, no trimestre, as aquisições de carteiras e a incorporação da Nossa Caixa, o que



percebemos? Nós chegamos a um crescimento de 1,6% da carteira de crédito do Banco do Brasil no período, que cresceu acima da indústria, cujo crescimento foi de 1,1%. Aliás, o crescimento da Indústria, que foi de 25% em 12 meses, também ficou abaixo da expansão de quase 30% da carteira de crédito do Banco do Brasil, na visão de crescimento orgânico.

Passando para o slide de número onze, nós fazemos uma abertura das operações de crédito a pessoas físicas, considerando todas as frentes de crescimento que temos adotado ultimamente. No gráfico, podemos ver que mantivemos forte ritmo de ampliação do crédito consignado e do financiamento a veículos. Crescemos 94,5% a carteira de consignado em 12 meses, e este desempenho no trimestre foi bastante expressivo, na casa de 41%. Com a Nossa Caixa, o BB isola-se ainda mais na liderança desse segmento, respondendo por mais de 30% no mercado de crédito consignado.

No financiamento a veículos, nós quase dobramos a carteira em um ano. Todavia, no último trimestre o ritmo de crescimento se arrefeceu, ficando próximo a 5%, como reflexo da atual conjuntura econômica.

No slide número 12, nós vemos que o crédito concedido às empresas, conforme o Aldo já mencionou, ultrapassou a marca de R\$100 bilhões. Destaque aqui para operações com médias e grandes empresas, que cresceram 48,2% em um ano, e para as operações de micro e pequenas empresas, que tiveram crescimento de 7,2% no trimestre.

É importante ressaltar que nós aproveitamos o ambiente mais restritivo ao crédito para estreitar nosso relacionamento com os clientes pessoa jurídica a fim de suprir suas necessidades de financiamento, e essa visão de longo prazo tem garantido, além do crescimento no volume de negócios, a melhoria da rentabilidade com esses clientes, como vimos no slide número sete.

Passando agora para o slide de número 13, vamos analisar o fluxo de contratações, comparando os desembolsos realizados pelo Sistema Financeiro Nacional e aqueles efetuados pelo Banco do Brasil nos últimos trimestres. Podemos ver pelo gráfico que o patamar de desembolsos no 1T09 foi, em média, 3,7% inferior ao volume desembolsado no mesmo período de 2008, tanto para o Sistema como para o Banco do Brasil. E o mesmo acontece quando comparamos desembolsos do 1T09 com o 4T08, sazonalmente mais forte em desembolsos.

Todavia, no que diz respeito exclusivamente ao Banco do Brasil, nós percebemos que o Banco continua respondendo por 15% das operações de crédito contratadas no Sistema Financeiro.

No slide 14, nós trazemos o fluxo de algumas das principais linhas de crédito concedidas pelo Banco. Destaque aqui para a retomada ascendente do fluxo de contratações da carteira de Pessoa Física; se no 4T08 o desembolso para contratação de operações de financiamento a veículos e consignado apresentou desaceleração, no 1T09 essas linhas reverteram a tendência, especialmente o desembolso das operações de consignado, que cresceu 43% no trimestre.

Por outro lado, percebemos aqui que, no caso do crédito para pessoas jurídicas, a concessão de crédito arrefeceu, mas, mesmo assim, o desempenho do Banco do Brasil nesse segmento continua bastante expressivo.



Ainda é importante lembrar que durante a carência de funding, no auge da crise, no 4T08, o Banco do Brasil esteve presente, provendo crédito ao segmento, e que a normalização da liquidez e os aspectos sazonais no período refletem o comportamento dos desembolsos para as pessoas jurídicas no 1T09.

Passando agora para o slide número 15, vemos no gráfico à esquerda que a expansão da carteira de crédito aconteceu em linha com nossas expectativas de comportamento da qualidade do crédito em um ambiente mais adverso. As despesas com provisão sobre a carteira, considerando os últimos 12 meses, montaram a 3,8% em relação a essa carteira média, percentual correspondente ao menor nível indicado no *guidance* de 2009.

Já as operações vencidas há mais de 90 dias, na linha amarela do gráfico à direita, representavam 2,7% da carteira ao final de março de 2009. Este percentual é superior ao índice de 2,4%, observado tanto em março de 2008 como em dezembro de 2008; porém, ele é significativamente inferior aos 3,6% apresentados pelo Sistema Financeiro Nacional. Nós elevamos o índice de provisão requerida sobre o total da carteira para 5,7%, abaixo do risco médio registrado pelo Sistema, que foi de 6,7%.

Olhando agora para o slide de número 16, nós podemos observar que, ao longo dos últimos anos, a inadimplência do Banco do Brasil tem se mantido abaixo da inadimplência do Sistema Financeiro Nacional, e essa tendência é ratificada pela abertura trimestre a trimestre, especialmente no 1T09. Na visão pessoa Jurídica, nós verificamos que o atraso dessas operações segue tendência similar tanto no Banco do Brasil quanto no Sistema Financeiro Nacional, embora no 1T09 o nível de atraso dessas operações no Sistema Financeiro Nacional tenha piorado fortemente nos atrasos acima de 15 dias.

Nas operações com pessoa física, vemos que por vezes o Banco do Brasil segue uma tendência inversa à do Sistema, e comparativamente apresenta índices de atraso ainda menores. No atraso acima de 90 dias nas operações de pessoa física, o Sistema Financeiro Nacional apresentou incremento de 30 b.p., saindo de 8% para 8,3% de atraso, enquanto o Banco do Brasil permaneceu no mesmo nível verificado de atraso em dezembro de 2008, no patamar de 6%.

No slide número 17, nós apresentamos a inadimplência da carteira pessoa física por safra anual, aqui considerando o crédito para pessoas físicas exceto o cheque especial, cartão de crédito e financiamento a veículos. Nós podemos observar que o aprimoramento das metodologias de concessão de crédito do Banco do Brasil, bem como a mudança no *mix* das operações contratadas, tem permitido a redução do índice de atraso na carteira ao longo da safra.

Pulando para o slide número 18, nós apresentamos as safras de financiamento a veículos no Banco do Brasil para as operações contratadas tanto no âmbito das nossas agências quanto aquelas contratadas em revendas de veículos. É importante notar que é muito difícil tentar traçar aqui uma tendência, uma vez que é um portfólio ainda novo, mas que a inadimplência demonstra claramente a curva de aprendizado do Banco do Brasil nesse novo segmento, que até então não tínhamos expertise, mas que estamos aprimorando cada vez mais e aprendendo a lidar com essa carteira, entendendo melhor os riscos inerentes a esse negócio.



Passando agora para o slide número 19, nós gostaríamos de destacar aqui alguns dados sobre o Banco Votorantim. Embora muitos analistas tenham demonstrado preocupação em relação à nossa parceria estratégica com o Banco Votorantim, é importante ressaltar que a qualidade do crédito do Banco Votorantim é, sem dúvida alguma, muito melhor que a indústria. A expertise do Banco Votorantim nesse segmento fica evidente ao se constatar um índice de inadimplência de 2,2% em uma carteira 86% composta por veículos usados. Nós, assim, esperamos colher os benefícios desta parceria entre o Banco do Brasil e o Banco Votorantim também no incremento da qualidade do nosso financiamento a veículos.

Olhando agora a partir do slide número 20, nós trazemos informações que nos permitem manter uma tranquilidade em relação ao agronegócio, tanto em relação à safra 2008/2009 e ao seu desempenho, como em relação às perspectivas para 2009/2010. Embora o custo dos produtores tenha crescido na safra 2008/2009, os preços têm se mantido atrativos para garantir a margem dos produtores rurais; nós vemos nos gráficos abaixo que, mesmo com um cenário ainda não tão favorável, as margens ainda são remuneradoras.

Passando para o slide número 21, nós apresentamos a evolução das operações de agronegócios contratadas com mitigadores de risco. O percentual de custeio agrícola contratado com seguro saiu de 42% na safra 2006/2007 para 65% na safra 2008/2009. Este incremento é resultado do posicionamento que o Banco do Brasil adotou em relação ao setor rural desde 2007, de direcionar recursos para novos créditos, com ênfase muito forte na conjugação de mitigadores de risco. Do total de seguros agrícolas hoje contratados por intermédio da Aliança do Brasil, nossa empresa controlada, 90% são ressegurados, e a tabela na parte direita inferior do slide apresenta os institutos que seguram esse seguro agrícola.

Passando para o slide número 22, nós podemos ver o comportamento das receitas de prestação de serviços, que totalizaram R\$2,9 bilhões no trimestre; Este valor está em linha com o mesmo período de 2008 e representa uma redução de 3,7% em relação ao 4T08. Apesar do crescimento dos negócios e da base de clientes, o percentual de crescimento dessas receitas na comparação com março de 2008 encontra-se abaixo da *range* das estimativas que passamos para o mercado, em torno de 5% a 8%. Esse comportamento foi altamente influenciado pela regulamentação da cobrança de tarifas pelo Banco Central, por meio da Circular 3.371, que surtiu efeito a partir do 2T08, distorcendo a base de comparação.

Quanto à comparação trimestral, com dezembro, é importante frisar que a queda é explicada basicamente pela menor quantidade de dias úteis no período. O 4T08 contou com 64 dias úteis, enquanto o 1T09 com apenas 61 dias úteis.

Passando agora para o slide número 23, nós podemos observar que mantivemos as despesas administrativas sob controle e dentro das expectativas de incremento, entre 9% e 12% em 12 meses. No trimestre, essas despesas apresentaram queda de 9,5% sobre o 1T08, e foi registrado um crescimento de 11,2% na comparação anual com o 1T08.

Na comparação anual ainda, o desempenho é determinado principalmente pelo comportamento das despesas de pessoal, que subiram 18,2%, principalmente em razão do reajuste salarial concedido aos funcionários em setembro do ano passado, e pelo aumento do quadro de funcionários, em razão das incorporações realizadas. Na comparação trimestral, a queda das despesas administrativas explica-se por efeitos



sazonais, como a concentração do consumo de provisões em decorrência de férias, e também ao menor nível de atividade, que é próprio do início do ano.

Indo para o slide número 24, nós podemos observar que os índices de produtividade do Banco mantêm-se em bons patamares. O índice de eficiência, que indica o quanto das receitas operacionais está sendo consumido pelas despesas administrativas, encerrou o 1T09 em 43,3%. Esse patamar é 240 b.p. inferior ao do trimestre anterior e 140 b.p. inferior ao do 1T08. Esse indicador é calculado com base na DRE Societária, expurgando-se os efeitos dos itens extraordinários no período.

A melhora no índice de eficiência decorreu do fato de que, no trimestre, as receitas operacionais caíram em ritmo inferior ao das despesas administrativas. Já o índice de cobertura das despesas de pessoal atingiu 131,9% no 1T09, contra 132,2% no 4T08 e 150% no 1T08. O decréscimo observado em 12 meses advém do aumento das despesas de pessoal, que como já foi dito, decorre do reajuste salarial concedido aos funcionários no ano passado, e pelo aumento do quadro de pessoal em razão das incorporações realizadas. Além disso, a regulamentação da cobrança de tarifas pelo BACEN teve seu início em abril de 2008. Com isso, as receitas com prestações de serviço utilizadas para o cálculo do índice no 1T08 é caracteristicamente mais robusta do que os montantes registrados a partir do 2T08.

Passando para o slide de número 25, nós podemos ver que a Basileia do Banco segue permitindo o crescimento dos negócios. O índice de capital do Banco encerrou março de 2009 em 15%, contra 15,2% em dezembro de 2008 e 14,7% em março de 2008. Entre os fatores que contribuíram para a formação do índice em março de 2009, nós destacamos a consolidação da Nossa Caixa, com impacto de R\$1,7 bilhão na alocação de capital; as alterações no cálculo do risco operacional, o crescimento das operações de crédito fora da característica de varejo, a incorporação de R\$1 bilhão de lucros e o aumento do saldo de dívidas subordinadas no valor de R\$2,6 bilhões. O atual índice de capital equivale a um excesso de patrimônio de referência de R\$12,8 bilhões. O cálculo pro forma da Basileia após a consolidação da parceria estratégica com o Votorantim indica um índice de capital de 14,1%.

Para finalizar, trazemos no slide de número 26 uma comparação entre o nosso guidance e o desempenho observado do Banco do Brasil no 1T09. Entendemos que parte dos indicadores foi impactada pela sazonalidade do 1T e também pelos efeitos da crise internacional. Entretanto, acreditamos que as dificuldades criadas pelo ambiente econômico adverso não irão persistir por todo o ano de 2009.

Por essa razão, ficam aqui reafirmadas, conforme o Aldo já mencionou no início, as estimativas divulgadas por ocasião do anúncio do resultado do ano passado, à exceção da taxa efetiva de imposto, cuja estimativa nós colocamos em revisão em função do reconhecimento da elevação da alíquota de contribuição social do lucro líquido de 9% para 15%.

Esses eram os principais pontos que gostaríamos de compartilhar com vocês nesta teleconferência. Abro agora a sessão para perguntas e respostas. Muito obrigado.

Jorg Friedemann, Merrill Lynch:

Bom dia a todos. Agradeço a oportunidade, agradeço também a transparência na divulgação das informações. Estou com a abertura no capítulo 7.5 do MD&A de vocês, onde vocês trazem uma quebra bastante detalhada sobre as carteiras de



agronegócios prorrogadas e não-prorrogadas. Minha pergunta se refere exatamente ao vencimento de algumas parcelas dessas carteiras que foram prorrogadas, que estavam para vencer em final de março, início de abril. Notamos que do 4T08 para o 1T09 houve uma deterioração de risco nessas carteiras, mas nada que fuja ao controle.

A minha pergunta é qual é a expectativa de vocês para essas carteiras prorrogadas ao longo dos próximos trimestres. Como vocês estão percebendo, já com mais de um mês do vencimento de algumas dessas parcelas? E se pudessem também explicar qual é o montante que está vencendo agora no 1S dessas parcelas, seria interessante.

A segunda pergunta diz respeito à Basiléia de vocês. De fato, a Basiléia teve um reforço com as mudanças regulatórias no final de 2008, hoje está em torno 15%, um pouco inferior, é verdade, aos Bancos privados. Se vocês consolidam Votorantim, cai um pouco, para a ordem de 14%. A minha pergunta é: com a melhora do humor do mercado, e também ainda com a necessidade de vocês atingirem o *free float* de 25%, se vocês poderiam eventualmente considerar a antecipação do prazo que vocês têm, até dezembro de 2010, para concretizar essa oferta, eventualmente no ano ainda de 2009. Obrigado.

Aldo Luiz Mendes:

O José Carlos Vaz, que é o Diretor de Agronegócios está aqui conosco, e ele vai abordar a sua primeira questão. Antes, deixe-me tratar da segunda, em que você fala da possibilidade de uma antecipação, de uma emissão para atingir os 25% do *free float*.

Em primeiro lugar, só uma pequena correção: o prazo que nós temos não é 2010, é 2011, final de junho de 2011. Não há uma necessidade necessariamente de antecipar nada; esse prazo dá extremo conforto para nós acessarmos o mercado no momento em que considerarmos melhor para essa operação. Não iremos a mercado em um momento ruim; temos dois anos pela frente. Acreditamos realmente que dois anos é tempo mais do que suficientes para que o quadro hoje de incerteza, instabilidade e crise se resolva e melhore significativamente, e ao longo desse período vamos estudar o momento mais adequado para que possamos fazer essa oferta de uma forma bem tranqüila, em um cenário muito bom, em um cenário de mercado positivo.

Jorg Friedemann:

OK. Obrigado.

José Carlos Vaz:

Com relação à carteira de crédito rural, o que nós estamos vendo nos resultados do 1T09 na verdade são as operações consideradas vencidas após o término do prazo de adesão à renegociação, estabelecido para dezembro de 2008. Nós estamos sentindo os efeitos das operações em que não houve essa adesão.

Para aquelas em que ocorreu essa adesão, você tem prazo até 15 de maio em alguns casos, e 30 de junho em casos de agricultura familiar principalmente, para você formalizar as renegociações. Então, eu diria a você que os efeitos da não-adesão à



renegociação impactaram agora, no 1T09, e nós estamos finalizando a formalização das operações renegociadas agora nesse 2T.

A renegociação envolvia a adesão até dezembro e o pagamento de parte da parcela agora nesse semestre, neste momento. Isso está ocorrendo de forma bastante intensa, e nós entendemos que deveremos apresentar comportamento similar agora no 2T09 em relação a recebimentos e renegociações. E aí finaliza definitivamente o equacionamento destas dívidas que representaram problemas em 2005 e 2006, quando houve a crise do setor.

Essa parte da carteira prorrogada está em processamento dessas formalizações, mas temos observado pelos dados gerenciais esse perfil.

Nós temos observado neste semestre um comportamento de retorno da carteira 10% superior ao que esperávamos, em função da análise de situação de renda e situação de clima. Nós tínhamos uma projeção gerencial que sinalizava que os retornos seriam inferiores ao que está efetivamente ocorrendo, o que mostra que realmente está se cristalizando aquela visão de que estamos no terceiro ano de recuperação de renda do setor e, conseqüentemente, de recuperação da qualidade do nosso portfólio.

Jorg Friedemann:

OK, José Carlos. Obrigado. Só um *follow up*: eu entendi que aqueles que aderiram aos programas de reestruturação estão de fato quitando as parcelas em dívida, então é uma notícia boa. Mas eu gostaria de entender se essas quitações podem levar à reclassificação eventualmente com minimização do efeito arrasto, que tem prejudicado o provisionamento dessas carteiras.

José Carlos Vaz:

Você tem nitidamente um efeito sobre a redução do volume, e tem uma carteira nova sendo constituída com cada vez mais mitigadores e com certos parâmetros que levam à melhora da provisão em caráter global da carteira. Por outro lado, você terá parte da carteira prorrogada em que não ocorreu a efetivação dos pagamentos, e ela terá seu agravamento dentro da Resolução 2.682.

Então, eu diria que por enquanto o Banco mantém aquela postura conservadora que tem adotado no último ano, com relação à revisão de risco, mas podendo rever isso a partir do próximo semestre, na medida em que terminemos o reproprocessamento dessas dívidas e que permita essa revisão. Mas eu diria que nesse trimestre em curso e no próximo, ainda seremos bastante conservadores na adoção dessa reclassificação de risco.

Jorg Friedemann:

Está ótimo. Muito obrigado pelos esclarecimentos.

Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Bom dia, senhores. Eu tenho uma pergunta de duas partes. A primeira, vendo aqui o slide do *guidance* que vocês dão para 2009, eu queria, em primeiro lugar, entender qual é o cenário macro que esse *guidance* contempla. Que tipo de crescimento, que tipo de taxa de desemprego, taxa de USD etc.?



Segundo, se vocês pudessem dar alguma sensibilidade em cima de uma taxa de crescimento menor, especialmente o impacto da linha de provisão, para quanto vocês acham que pode, qual seria um pior cenário para essa linha, e mesmo nesse cenário que vocês têm aqui, qual é o pior, onde pode chegar este ano o pico da piora da qualidade de crédito?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Aqui, basicamente estamos trabalhando com um cenário base de um PIB perto de 1%, na verdade 0,7%, um desemprego de até 10%, um USD na casa dos R\$2,10, R\$2,15. Em relação à inadimplência, nossa estimativa seria 2 p.p. o máximo de aumento na inadimplência até o final do ano. Essa é a nossa expectativa, considerando o cenário base.

Esses exercícios mais futuristas, prevendo catástrofes ou quebras e choques a gente não faz e também não divulga qualquer tipo de estimativa caso o cenário mudasse radicalmente.

Carlos Macedo:

Não, mas não é nem radicalmente. Digamos assim, ao invés de ter um crescimento de 1% o PIB cai 1%, e ao invés de o desemprego ser 10% a 12%. Só para a gente entender um pouco...

Marco Geovanne Tobias da Silva:

A nossa política é divulgar o *guidance* em cima do cenário base, porque é esse cenário que norteia toda a estratégia do Banco e todos os planos que são estabelecidos com as áreas negociais.

Carlos Macedo:

Pois não. Então, aquela taxa de inadimplência que você falou, que taxa é? 90 dias?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

É, 90 dias.

Carlos Macedo:

Então é um aumento de 2 p.p. na de 90 dias?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

No máximo.

Carlos Macedo:

Está bom. Obrigado.



Marcelo Telles, Credit Suisse:

Bom dia. Eu tenho uma pergunta em relação à sua margem de intermediação financeira. A gente viu, com base no *disclosure* que vocês fizeram, que a margem não-juros caiu de maneira significativa do 4T08 para o 1T09, para algo em torno de R\$500 milhões, R\$600 milhões, contra mais de R\$900 milhões no trimestre anterior. Eu queria saber qual foi o principal motivo para essa redução, e quanto vocês esperam que isso possa ser para frente? Se vocês esperam que isso possa melhorar nos próximos trimestres. Essa seria a minha pergunta. Obrigado.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Você está falando sobre a tabela seis, Marcelo, do sumário executivo?

Marcelo Telles:

Sim. Eu não estou com ele aqui, mas é essa tabela mesmo.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Que mostra a margem financeira bruta, que vem de operações de crédito. Essa queda foi principalmente por conta do compulsório, que houve uma redução natural do compulsório na liberação que houve pelo Banco Central, e nós também tivemos um volume menor de recuperação de crédito, que provocou então essa queda. Então, eu diria que esses foram os dois “vilões” que provocaram essa relativa estabilidade da margem no período.

Marcelo Telles:

Porque mesmo se eu excluir as recuperações de crédito, que estão incluídas neste número, ainda assim teve uma queda razoável nesse número. Então, isso explicaria?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Não, você tem o compulsório. Você vê na margem D+, ela caiu de R\$2,350 bilhões para R\$2,066 bilhões, ou seja, ela caiu praticamente R\$290 milhões. Só no compulsório rentável, caiu de R\$424 milhões para R\$176 milhões, e a recuperação de crédito de R\$467 milhões para R\$357 milhões; ou seja, é totalmente explicado por esses dois fatores.

Marcelo Telles:

OK. Obrigado.

Alcir Freitas, Itaú Corretora:

Bom dia a todos. Minha primeira pergunta é com relação às demais despesas operacionais, que teve um crescimento importante no trimestre contra trimestre. Eu queria saber se tem algum destaque para esse crescimento, e se o valor que a gente vê no 1T09 seria o valor já o montante em que iria se acomodar ao longo do ano. Esta é a primeira pergunta.



E a segunda é com relação à margem financeira. Nesse trimestre vocês estão consolidando a Nossa Caixa, e eu só queria confirmar se a análise da margem financeira contempla as demonstrações consolidadas, ou se é só referente ao Banco do Brasil. Porque até onde eu entendi, a Nossa Caixa, na DRE, estaria sendo consolidada a partir de março, então isso eventualmente geraria uma distorção no cálculo da margem financeira.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Alcir, obrigado pela pergunta. Se você olhar no nosso relatório a análise de desempenho, no capítulo 7.8, a gente detalha praticamente quais foram as principais flutuações. Este é um item realmente um pouco difícil de você tentar fazer uma estimativa, mas é importante chamar a atenção que nós tivemos efeitos sazonais no 4T08, que fizeram crescer muito, principalmente, o item receitas operacionais, e você teve no quesito despesas operacionais a questão dos prêmios que pagamos a clientes. O que é isso? São aquelas folhas de pagamento que nós adquirimos ao longo do ano de 2008. Então, você teve uma atividade muito forte nesse segmento, e com isso acabamos contabilizando uma despesa maior. Então, eu diria que nesse quesito, sem dúvida alguma, é uma coisa que você precisa levar em consideração daqui para frente.

Nós tivemos também um aumento forte do faturamento de cartões de crédito, e o Banco do Brasil tem um programa de pontuação desses cartões muito atrativo, inclusive, para os clientes, e é por isso que temos conseguido a liderança no faturamento de cartões. Isso é traduzido também no aumento de despesas para contabilizar esses pontos que são oferecidos aos clientes.

Tivemos também despesas com juros pela atualização das parcelas que serão pagas pela aquisição da Nossa Caixa, que também estão sendo contabilizadas neste item outras despesas operacionais.

O que seria para o próximo trimestre, com certeza, você deve trabalhar com esse nível de despesa. Você pode fazer uma *proxy* e projetar isso aí para os próximos trimestres. Não vemos nenhuma dificuldade em tentar estimar por aí.

Em relação à Nossa Caixa, é importante dizer o seguinte: neste primeiro momento, nós fizemos a contabilização toda no patrimonial. Não tem um centavo sequer, seja de receita ou de despesa da Nossa Caixa, passando pela DRE do Banco do Brasil. A partir do 2T09 é que será feito. Isso é o procedimento contábil que já estava previsto, então todos os ajustes, inclusive o resultado da Nossa Caixa do 1T09 entrou no Banco do Brasil fazendo ajustes nos ativos e nos passivos, e no caso do resultado, em cima do ágio da operação.

Alcir Freitas:

Só um *follow up*: então, por exemplo, no slide seis, onde vocês estão mostrando a margem financeira bruta, se desconsiderar o efeito da Nossa Caixa, na realidade a sua margem estaria melhorando nesse trimestre?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Se você somasse, é o que você quer dizer? Porque ali não tem nenhuma receita de Nossa Caixa, ali é só receita do Banco do Brasil. O que vai acontecer? Se você



comparar esse desempenho com qualquer item patrimonial do Banco do Brasil, você vai ver uma queda, porque no item patrimonial houve um crescimento, mas as receitas que foram contabilizadas não estão incluindo as receitas provenientes da Nossa Caixa.

Em outras palavras, você teve na Nossa Caixa, ajustando o resultado dela com planos econômicos e as previsões que nós fizemos, a *due diligence*, que foram *one-offs*, eu teria tido um resultado recorrente da Nossa Caixa de R\$50 milhões. Isso não está somado ao resultado recorrente do Banco do Brasil. Foi tudo feito ajustado diretamente no ágio da operação. O spread de 6,6% do Banco do Brasil, por exemplo, não inclui as receitas da Nossa Caixa. Nós fizemos a neutralização para olhar apenas os ativos rentáveis do Banco do Brasil, porque senão ficaria distorcida a comparação.

Alcir Freitas:

Está ótimo. Essa era minha dúvida. Muito obrigado.

Mariana Barros, Banco Espírito Santo:

Bom dia a todos. Na verdade a minha pergunta é ainda com relação à margem. Eu queria saber se eu posso fazer a seguinte afirmação: a partir do momento em que vocês começam a consolidar a Nossa Caixa, é razoável esperar uma queda na margem no sentido de que, se você olhar para os ativos ou para a carteira de crédito da Nossa Caixa, você ainda vai ver uma maior representatividade em títulos ou até mesmo no crédito consignado, e a partir do momento que o Banco do Brasil vai adquirindo maiores sinergias, principalmente na relação crédito/depósito, a margem financeira volta a subir? Ou não?

E a minha segunda pergunta é na abertura de Basiléia, no Nível 2 da dívida subordinada, a gente vê que ela salta de R\$11,7 bilhões em dezembro para R\$14,3 bilhões agora em março. Queria saber se teve alguma emissão aqui nesse período ou se foi algum outro evento que fez com que a dívida subordinada saltasse de R\$11,7 bilhões para R\$14,3 bilhões.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Mariana, vamos dividir aqui em dois para responder essa pergunta. Sua segunda pergunta, sobre a dívida subordinada, eu vou passar para o Aldo responder, depois eu volto para falar sobre a margem.

Aldo Luiz Mendes:

Com relação à dívida subordinada, o Banco fez uma emissão de dívida subordinada no mercado doméstico, portanto em Reais, de R\$2,2 bilhões. Por isso você vê essa mudança nos números.

Mariana Barros:

Qual é o prazo?

Aldo Luiz Mendes:

O prazo médio é de seis anos.



Mariana Barros:

Obrigada.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Em relação a sua segunda pergunta, eu prefiro aguardar o resultado do 2T09 para ver como vão ficar esses números, mas em tese, se você olhar o resultado da Nossa Caixa no 1T09 e o resultado do Banco do Brasil no 1T09, o spread da Nossa Caixa é 9%, e a gente está com o spread médio do Banco do Brasil perto dos 7%. Então, em tese, ela ajudaria a melhorar o spread do Banco do Brasil sobre ativos rentáveis.

Ela está crescendo muito forte na carteira pessoa física, que tradicionalmente traz spread maior, então eu diria que seria, dentro da visão recorrente, lógico, seria positiva a consolidação desses números na DRE do Banco. Mas eu prefiro, mais uma vez, aguardar o resultado do 2T09, quando esses números aparecerão na DRE.

Mariana Barros:

Está bom. Obrigada.

Operadora:

Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao senhor Aldo Luiz Mendes para as considerações finais.

Aldo Luiz Mendes:

Muito obrigado a todos por terem participado desta nossa teleconferência. Gostaria de lembrar que em relação a esses números que divulgamos no 1T09, o total de ativos do Banco, reforçando mais uma vez, atingiu R\$592 bilhões, incluída aí já a Nossa Caixa.

Nós estamos no processo de incorporação do Banco Votorantim, aguardando aprovação do Banco Central, e o Banco Votorantim é um banco, hoje, da ordem de R\$80 bilhões de ativos. Se somar 50% dos ativos do Banco Votorantim ao ativo total do Banco do Brasil, devemos chegar a algo em torno de R\$630 bilhões em ativos do Banco do Brasil, o que possivelmente, tudo mais constante, levaria o Banco do Brasil de volta à liderança por ativos no Sistema Financeiro doméstico.

Portanto, agradeço a presença de todos e aproveito também essa oportunidade para convidá-los a participar da segunda etapa do nosso circuito Apimec, o Circuito Apimec BB 2009, que contará com o total de 11 reuniões, além de dez que já foram realizadas. Desde o ano passado, nós percorremos todas as regiões do País com as reuniões da Apimec, movimento em que somos pioneiros, procurando atender cidades de porte médio e o interior do País.

Havendo necessidades adicionais de mais informações sobre a nossa instituição, por favor, contatem a nossa equipe de RI ou visitem o *website* do Banco do Brasil.

A todos um bom dia, um bom fim de semana, muito obrigado e até a próxima oportunidade.



Operadora:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação e tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”